

ORDEM DO DIA

Rubem Braga

NOEMIA vai expôr no Museu Nacional de Belas Artes talvez no dia 20 deste mês o que é meus senhores, uma suave noticia. Pois acontece que Noemia Mourão Cavalcanti faz desenhos e quadros a óleo que são uma delicadeza. Façam o favor de ir vêr — e aqueles dentre vós que possuir dinheiro logo terá o impeto de comprar e levar para casa uma daquelas mulheres ou meninas de Noemia. Mulheres e meninas de sonho que nos olham tristes e suaves entre flores, ou de um balcão. E ás vezes há uma pomba, ás vezes cortina, ou a moça tem um vestido antigo. E sempre elas têm nos olhos e nos cabelos uma graça tímida, são mocinhas perante o destino que talvez as machuque. Não deixels de vêr. E' subir as escadas e passar 20 minutos ali, dá tempo de espiar os 40 quadros. Então descereis correndo para a fila de onibus; mas entre as filas de onibus e as manchettes dos jornais berrando as coisas da guerra e a austera, apagada e vil tristeza dos tempos de Camões e de nossos tempos de hoje levareis um resto de luar dentro dos olhos. E isso nunca fez mal a ninguém, e até pode ser que ajude a ganhar a guerra. A alma da gente, meus senhores, é grande. Cabem muitas imagens em seus museus: os enforcados, os torturados, os famintos, e nossos amores e parentes, e inimigos ruins e velhos amigos e conhecidos chatos e agradaveis, e um cliché de reportagem de Joel Silveira sobre os mineiros desgraçados da mina de São Jeronimo e uma triste e sensual mocinha de Noemia. Enquanto esperais que a exposição se abra eu vos aconselharia a sair pela rua (sempre que possível perto do mar) esta noite. Pois eis que veio um vento sudoeste raivoso que todo mundo que gosta de tomar banho de mar xingou muito porque não pode ir á praia domingo; mas o vento tinha razão. O mar está barbaro, feroz, mas vieram grandes aguas frias que esfriaram o ar, e o sudoeste varreu o verão. E deixou o céu limpo com estrelas tiritando e a lua crescendo. Doce inverno do Rio de Janeiro: o sudoeste o trouxe em abril, derrubando o ouro das acácias, fazendo silenciar as cigarras e fazendo estrondar o mar em grossa espumarada. Abril! Podéis, no intervalo, ler Vicente de Carvalho: "o claro mês das garças forasteiras..."

Eis abril. Desculpai-me se não gostais de estrelas e crescente em noite de frio, nem de mocinhas de sorriso tenue e olhos tristes como as filhas de Noemia. Ah, desculpai-me. Mas aquele português que, segundo o telegrama, deu á noiva como presente de casamento um bacalhau — ele não tem razão. Eu, J-ana, eu vos ofereço de presente o mês de abril — espumas do mar, olhos bobos das filhas de Noemia, noite azul, estrelas no ar frio. E este velho coração, menina.